



USP

Universidade de São Paulo
B R A S I L

TÚLIO DE ALMEIDA BELO
Nº USP 6806906

O INDIVÍDUO E O ESPAÇO PÚBLICO
Ensaio sobre o seminário coordenado por Bernardo Sorj

ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
São Paulo, 30 de junho de 2014



USP

Universidade de São Paulo
B R A S I L

Seminário: “O indivíduo e o espaço público”

Palestrantes: [Bernardo Sorj](#) , [Maria Alice Rezende de Carvalho](#) , [Vera da Silva Telles](#) , [Danilo Martuccelli](#)

Com palestras dos pesquisadores, Danilo Martuccelli, Vera da Silva Telles e Maria Alice Rezende de Carvalho, o seminário “O indivíduo e o espaço público”, organizado por Bernardo Sorj, buscou – de maneira elucidativa - apresentar as diferentes percepções diante da questão da relação do homem com o espaço público.

Após a introdução de Martin Grossman, com a contextualização da discussão, dentro e fora da universidade, o seminário se iniciou com a apresentação de Danilo Martuccelli.

O estudioso peruano elencou alguns dos pontos, que embarcou em uma “hipótese simples” (como exposto por ele) da aplicação do que ele chama de “amor”. O “amor” dentro deste contexto, é o que motiva o homem – e o estimula a fazer algo por ele ou pela sociedade em que vive.

A partir desta pré-definição, o estudioso dividiu sua defesa em alguns pontos, que culminaram na apresentação de um argumento principal: Martuccelli afirma que, nas últimas décadas passou, construiu-se uma divergência (ou um desencontro) entre os desejos e suportes de sentido individual e os anseios com conotação coletiva.

Vera Telles, apesar de discordar de alguns pontos indicados, continuou a construção do raciocínio. A estudiosa defendeu que estas diferenças não são puramente de desejos ou opiniões, mas sim de experimentação e da maneira que, “interpelados pela experiência de um mundo”, nos comunicamos com as pessoas e instituições à nossa volta.

Pautada em argumentos que chamou de antigos (avatars fabricados, celebração do ego, culto da performance...), ela afirmou que esta nova conjectura, se deve de certa forma à esta constante “celebração do sucesso”. Por outro lado, porém, Vera se mostrou bastante otimista com as futuras (e atuais) movimentações coletivas: artísticas, culturais, urbanas e sociais – e apresentou, por fim, sua aposta nessas novas associações coletivas como modelo emergente.

Dentro deste contexto e agregando uma importante bagagem histórica ao tema, Maria Alice Rezende de Carvalho, apresentou o alicerce da discussão. Para ela é impossível construir este debate sem observarmos um dos principais fatores desta transformação: a dissolução “recente” da ideia de classe de trabalho, a partir da constante segmentação do mercado, e a maneira como esta mudança sobrepõe o singular ao plural, eliminando a consciência coletiva.

Em seguida, porém, temos a apresentação da caminhada da sociedade para um futuro, aparentemente, fortuito. Ela afirma que essa singularização e essa “noção

mais subjetiva do tempo” são, na verdade, parte da construção de um elemento confrontador do “singular único” – aqui podemos fazer um paralelo com o vídeo apresentado em um dos seminários em sala, com a nigeriana Chimamanda Adichie, onde ela apresenta excepcionalmente o conceito da “história única”

Para Maria Alice, a tendência à convivermos com histórias cada vez mais testemunhais traz consigo às rédeas de um novo modelo. A história estava fora de nós e definia nossas ações - simplesmente - a partir de uma imersão nas chamadas convenções sociais de um tempo objetivo.

Hoje, a história acontece a cada segundo e permite, com o poder da voz, o avanço na agenda da igualdade e modificações na maneira de ocuparmos o espaço público – que trariam, segundo ela, uma transição “natural” do indivíduo para o cidadão.

O debate e as opiniões dos estudiosos, ao meu ver, instigam uma discussão bastante válida sobre o pensamento do coletivo e dos espaços na sociedade. Apesar de não compartilhar de uma visão tão otimista, ou “Tocquevilliana”, quanto a da pesquisadora Maria Alice, acredito que vivemos um momento onde, cada indivíduo representa uma voz com alto potencial de multiplicação.

O que se espera, por fim, é que o “amor” indicado “Danilo Martuccelli” leve o pensamento desta sociedade em rede ao caminho coletivo e que possamos ocupar e desfrutar o espaço público, focados sempre nas conexões em que este movimento pode gerar.